

# ATLETAS GUIA DE ATLETAS BRASILEIROS CEGOS NAS CORRIDAS DE FUNDO: uma visão daqueles que são os olhos dos atletas cegos

## INTRODUÇÃO

O indivíduo com deficiência visual é uma pessoa normal, que não enxerga possui visão reduzida. Em algumas modalidades do esporte para deficientes visuais existem adaptações, tais como uso da venda, no atletismo, alguns atletas podem fazer uso de um atleta guia. Atletas deficientes visuais, os atletas B1 e B2 possuem direito de correr em duas raias, unidos por uma guia (CARDOSO, GAYA, 2014). Para correr, a pessoa com deficiência visual precisa de um guia que fica responsável pela orientação do atleta, bem como à condução ao longo do percurso. O guia nas corridas é o olho do atleta, sendo-lhe permitida a comunicação verbal e física com o atleta. (VERÍSSIMO, RAVACHE, 2006).

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada por meio da coleta de fontes impressas e fontes orais, além da revisão bibliográfica (revisão de literatura) sobre o tema. As fontes impressas são legislação esportiva, reportagens de jornais, revistas, documentos de entidades esportivas (federações, confederações, associações, Comitê Paralímpico Brasileiro).

## SER UM ATLETA-GUIA

O início do esporte do AG1 se deu através de uma recomendação médica para a prática de corrida. Posteriormente foi convidado por um amigo para ser guia. O AG2, relata que sua inserção foi através do convite de um atleta cego que conheceu o AG2 em de um projeto na UPF. O atleta fala "Eu nunca tenho um guia fixo". Os dois guias, foram pessoas que começaram no esporte por outros motivos diferentes de ser um atleta-guia e foram como voluntários. Perez (2008, p. 23) diz que "O trabalho de guia de atletas com deficiência visual é, em geral, desenvolvido por pessoas que, sendo atletas, ou tendo interesse em se dedicar a isso, propõem-se a ser voluntários."

## TREINAMENTO DO ATLETA-GUIA

AG 1 diz que têm uma boa estrutura, com profissionais adequados para os atletas e para o guia. "A estrutura que envolve todo preparo do atleta também de certo modo respalda no guia". AG2 relata que eles treinam juntos no campo do quartel em Passo Fundo, com treinamento direcionado à velocidade e alguns treinos de ritmo. Um dos problemas é a questão de disponibilidade de tempo do guia e do atleta, para executar o treinamento. Perez (2008) e Benfica (2012) evidenciaram a importância que os atletas com depositam no treinamento e problemas de disponibilidade e estrutura de treinamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil do atleta guia tanto no âmbito profissional, quanto amador, demonstrou ser totalmente ao acaso. O trabalho voluntário foi fator preponderante, independentemente de ser profissional ou amador. Os profissionais dispõem de uma estrutura, um local apropriado para o treinamento e aperfeiçoamento. Já os amadores, não possuem nenhuma condição, treinador ou qualquer profissional para auxiliar, o treinamento dos amadores ocorre sem programação e planejamento, devido a falta de disponibilidade.

## REFERÊNCIAS

- BENFICA, Dallila Tamara. Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re) significações do atleta com deficiência. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado) - de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.
- PEREZ, Francisco Conejero. Guias de atletas com deficiência visual: estudo exploratório de motivações presentes nesta relação. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.
- VERÍSSIMO, A. W.; RAVACHE, R. **Atletismo paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p.11-46.

Doha - 2015



Fonte: Site globoesporte.com

Participação em provas



Fonte: Arquivo pessoal do atleta-guia